

## O CASAMENTO NA ALDEIA E AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA NA PÓLIS<sup>1</sup>

Neyde Theml\*

### Résumé

*Cet article cherche le texte et le contexte de Les travaux et les jours d'Hésiode pour étudier la résistance aux changements imposés par la révolution de la pólis. Le mariage dans la kóme peut être un indice de la résistance du paysan, du berger et du poète.*

Os textos de Hesíodo ainda nos possibilitam levantar vários problemas relativos à emergência da pólis; neste sentido, ao analisarmos *Os trabalhos e os Dias*, especialmente nos detendo do verso 695 ao 705, formulamos uma questão para este artigo. Se as pólis do VII século a.C. ainda estão diante de crises sociais e políticas, significa que o sistema estava encontrando dificuldades para se estabelecer, consolidar-se e estruturar-se. As estratégias políticas que foram tomadas, tais como a elaboração de Leis escritas, a *Colonização*, a *Tirania*<sup>2</sup>, as confiscações de terras e as demais reformas sociais não haviam atingido os grupos de resistência à revolução *poliade*. Se Hesíodo vivenciou os conflitos entre o passado e o presente, entre a tradição e as novas leis, entre poderes locais e o poder da *Koinonía e da Díke*, logo ele vai tentar organizar essas contradições para compreender a sua própria existência e a do grupo social a que pertencia e ao mesmo tempo apresentar, através do canto inspirado pelas Musas, as suas prioridades sociais e políticas. Para ele as tensões sociais estavam localizadas em dois pontos: 1º – nas leis e nos juízes injustos, que devoravam presentes ao invés de procurarem promover a justiça e 2º – na opção pela vida urbana que arrancava o homem do trabalho no campo. Diante disto, Hesíodo, num certo sentido, admite a nova ordem *poliade*, propondo um *Estado da Díke*; exaltando os valores da vida e dos trabalhos no campo; admitindo o modelo da família

---

\* Professora Titular de História Antiga Grega (LHIA/IFCS/UFRJ) e Bolsista do CNPq 2A.  
E-mail: neydetheml@webcorner.com.br

conjugal - pai/mãe/um filho; estabelecendo o casamento no interior da *Kóme*, a fim de estreitar os laços de solidariedade entre os vizinhos<sup>3</sup> e diminuir o empobrecimento local. Neste sentido, Hesíodo reforça a organização da família nuclear e a divisão de tarefas sociais entre homens e mulheres para que se restabelecessem a paz, a prosperidade, a riqueza, a honra, a boa luta e a glória entre os mortais com o apoio dos imortais, fortalecendo a coesão das comunidades rurais.

Diante da proposta acima apresentada podemos inicialmente analisar a situação sociopolítica das *póleis*. O VIII e VII séculos a.C. correspondem a um período em que se processa, em algumas regiões da Hélade, a consolidação do sistema *políade*<sup>4</sup>. A *pólis* aparece como uma nova forma de organização política da sociedade; uma nova relação entre a sociedade e o espaço até então habitado e uma nova relação entre os homens e o poder do Estado. A península Balcânica entre o IX e VIII séculos a.C. apresentou situações sociopolíticas diferentes<sup>5</sup>. Nos territórios dos antigos Estados Palacianos, nos quais a vida urbana foi-se tornando cada vez mais complexa, a despeito da fragmentação regional do poder político observa-se a emergência da *pólis*, do Estado da *Dike* com a unificação e demarcação do território cívico com fortificações, templos e santuários. A criação do espaço que se chamou território cívico exigia uma concepção de pertença coletiva que ultrapassasse os limites dos assentamentos locais. Para que este fato ocorresse era preciso passar a se conceber a possibilidade da existência de uma unidade espacial maior e comum estabelecida numa pluralidade coordenada, hierarquizada e organizada; era preciso estabelecer uma confiança coletiva de que o *território cívico dos ancestrais* produzia uma história compartilhada; ele era maior que as terras de sua casa e era preciso ver os marcos das fronteiras das *terras dos ancestrais* para que se processasse o sentido de pertença social. A construção de fortes, templos e de santuários marcando as fronteiras do território cívico produzia um reforço visual na compreensão da nova ordem *políade* que se implantava por uma decisão coletiva de defender o território dos ancestrais/cívico, participar e partilhar o exercício do poder político.

Em outras regiões as Chefias guerreiras ou permaneciam ou promovia-se a união de alguns Chefes em torno de um *Basileús* (Rei) – neste caso a documentação aparece nomeando-os como Estado *Éthnos*. Sejam quais forem os diferentes processos políticos que apareceram nestes séculos – Chefias Guerreiras, Realezas ou *Póleis* – o fato é que a *pólis* não foi o resultado de associações locais que se consolidaram com o tempo e que determi-

naram um território comum. A *pólis* foi uma revolução, uma inovação política que precisava romper com as antigas formas de organização social que existiam no seu próprio território. Portanto, *pátra* (linhagem do *patér*), *phratría*, *phylé* ou *gênos*, *phratría* e *phylé* ou ainda *oikía*, *Kóme* e *laós*<sup>6</sup> representavam, na *pólis*, um passado heróico, um passado próximo, no qual estas organizações ou grupos participaram, de alguma forma, da revolução *políade* mas, ao mesmo tempo, elas entravavam a consolidação da estrutura da *pólis* à medida que possibilitavam a existência de brechas que resultavam numa forte autonomia local/regional que diante de qualquer crise poderia romper com a unidade cívica da *koinonía políade*. Desta forma, o VIII e VII séculos correspondem a um período de ajustes do passado heróico num processo de criação de uma história comum exemplar e compartilhada por todos os habitantes do território; de um passado próximo dos aliados e dos opositores internos – os *áristoi/resistência* e *basiléia/mudanças*<sup>7</sup> – que ao mesmo tempo em que promoveram a revolução *políade* não abdicavam dos direitos tradicionais, produzindo um *presente* com as diferentes crises sociopolíticas. Estes conflitos entre resistência e mudança produziam no sistema *políade* diferentes respostas, nas diversas *póleis*. O guerreiro ilustre, corajoso, justo, forte, rico, que dizia a verdade e que garantia a proteção da coletividade através de combates singulares, cantado por Homero, estava bem longe do *hoplíte*, guerreiro/cidadão que se armava com seus próprios recursos, com escudo redondo, de duplo punho; que combatia em fileiras cerradas para defender o peito do companheiro a sua esquerda, e todos juntos, em marcha marcada, combatiam para garantir a *terra dos ancestrais ou o território cívico* — da *koinonía*. Ao lado da infantaria *hoplítica*, a *triéres* com seus ágeis marinheiros faziam das *póleis* um Estado diferente entre os seus vizinhos, um Estado de cidadãos livres e iguais diante das leis.

Os poemas de Hesíodo, camponês, pastor e *poeta*, da *Kóme* de Askra<sup>8</sup>, da *pólis* de Téspias<sup>9</sup>, na Beócia<sup>10</sup>, mostram esses diferentes conflitos entre a antiga (Realeza-agrária/pastoril) e a nova ordem social (*póleis* – especialização do trabalho, urbanismo e atividade marítima). Os poemas de Hesíodo ainda nos indicam o esforço do poeta em procurar compreender os fatos contraditórios que vivenciava e, a sua maneira, apontam as saídas possíveis para que se pudesse viver longe das guerras, da fome, da miséria, do sofrimento e da desonra que a revolução *políade* produzia. Devemos lembrar que a Beócia foi uma região predominantemente agrária na qual se formaram várias *póleis* e a disputa por determinar o território cívico foi grande<sup>11</sup>.

Existe nos poemas uma perspectiva de se conseguir uma vida melhor, diminuindo os conflitos, tendo em vista que alguns valores ainda permaneciam, tais como: *Aidós e Némesis*, que ainda não haviam abandonado os mortais<sup>12</sup>; a Esperança (*Elpís*) estava guardada na boca do vaso, pela própria Pandora<sup>13</sup>; a boa *Éris* habitava no coração dos Homens<sup>14</sup> e a *Díke/dikaíoi* seria capaz de reparar as *hýbris* que surgiam, mesmo que os reis comedores de presentes (*basileas dorophágois*) pronunciassem torsas sentenças<sup>15</sup>. Hesíodo, nos *Trabalhos e os Dias*, inspirado pelas Musas da Piéria, inicia seu canto louvando ao grande Zeus e dirigindo-se a Perseu<sup>16</sup> o aconselha que *olhe e escute a díke*<sup>17</sup>. Desta forma, se a *Díke/dikaíoi* estava acima das sentenças impostas pelos reis, é porque ela se encontrava na esfera divina de Zeus que vigiava o seu cumprimento na terra dos *mortais através dos phýlakes imortais*<sup>18</sup> e *com o seu próprio olho que tudo vê*. Zeus é zeloso pela *Díke*, sua filha, pois ela é a única capaz de assegurar que a *hýbris* não dominasse o coração dos homens; que a sociedade não vivesse dos litígios e das guerras infinitas, com as quais a calamidade, a fome, o sofrimento permaneceriam entre os mortais.

O poeta confia no Direito e na Justiça, inspirados por Zeus, como os meios pelos quais os homens irão dirimir seus conflitos e acabar com o predomínio da força<sup>19</sup> para poderem viver em paz. Para ele, a justiça e a prosperidade caminhavam juntas. Em contrapartida, os mortais deveriam realizar a sua parte, através do culto aos deuses imortais e do trabalho na terra.

Na concepção de Hesíodo, a justiça promovia a paz, a paz propiciava a prosperidade tendo em vista que o homem iria dedicar-se ao trabalho e com o trabalho no campo obteria riquezas (*ploutoí*), virtudes (*areté*), honra (*timé*) e glórias (*kydos/κῦδος*)<sup>20</sup>.

Hesíodo destaca que era preciso seguir as leis do campo (*πεδίων νόμος*)<sup>21</sup>, fato que se constituía em: construir, organizar e administrar a sua casa (*oíkos*); possuir uma mulher (não uma esposa)<sup>22</sup>, um boi e um homem robusto de quarenta anos para ajudá-lo; conhecer os diversos tempos (*horaíos*) com suas diferentes tarefas; possuir os instrumentos e animais adequados; manter a solidariedade entre os vizinhos<sup>23</sup> e quando chegasse aos trinta anos estaria no tempo de se casar<sup>24</sup>.

As mulheres e o casamento aparecem na *Teogonia*<sup>25</sup> e nos *Trabalhos e os Dias* como resultado do domínio do fogo e de seu uso pelos homens. O fogo roubado de Zeus por Prometeu fez com que os homens se tornassem

mortais comedores de pão. Os mitos de Prometeu e de Pandora<sup>26</sup> procuraram explicar o lugar específico dos homens em relação aos deuses, à natureza (*phýsis*), à *pólis* e ao *kósmos*. Pandora foi criada pela vontade de Zeus<sup>27</sup> e pelas mãos e habilidades de deuses através de um modelo exclusivamente divino de mulher<sup>28</sup>. De Pandora descendem as mulheres, *génos* funesto, belo mal, presente divino que habitará entre os homens para que possam ao seu lado, pelo casamento e como boas ou más esposas, lembrá-los sempre que a *phylé dos homens mortais* não está ao abrigo de duras fadigas, da fome, da miséria, das tristezas, das doenças, da velhice e da morte.

Apresentando as mulheres, as esposas e o casamento através do *Mito de Pandora*, tanto na *Teogonia* quanto nos *Trabalhos e os Dias*, Hesíodo criou uma bipolarização sexual – homens e mulheres – e a partir daí estabeleceu esferas sociais de atuação específicas, valores e virtudes diferentes para cada um dos sexos, redundando numa ambivalência bem marcada, tanto para ele quanto para os demais helenos que se seguiram<sup>29</sup>.

As mulheres na comunidade *políade* ocupam oficialmente um lugar hierarquicamente abaixo dos homens, mas, ao mesmo tempo, garantem a reprodução do próprio sistema nos seus diferentes níveis, tais como: na reprodução do cidadão, na reprodução de cultos/ritos de fertilidade e na coesão do território da *pólis* pelo casamento exogâmico através do “comércio das mulheres”<sup>30</sup>.

Nos *Trabalhos e os Dias*, cujo objetivo principal de Hesíodo era aconselhar ao seu irmão a seguir a justiça, afastar-se do centro urbano e a cultuar os deuses, encontramos algumas referências às mulheres e esposas<sup>31</sup> que reforçam a premissa ambígua “do belo mal necessário”, que ao mesmo tempo podia trazer ao homem uma grande alegria (*χάρματα*) se ele casasse com uma boa esposa. Como obter esta boa esposa?

A nossa questão parte da necessidade de os homens casarem com uma boa mulher (*ἀγαθῆς*)<sup>32</sup> da forma como está apresentada nos versos 695-705. Aos trinta anos, o homem está pronto para o casamento (*γάμος ὤπιος*) e deve procurar cuidadosamente uma jovem, que habite perto dele, entre os vizinhos; à qual ele possa ensinar a ser uma mulher honrada, uma boa esposa; com ela ter um filho para garantir os cuidados na sua velhice e cuidar, manter e ampliar o seu patrimônio. Este modelo foi apropriado pela cultura *políade* e resistiu ao tempo.

No IV século a.C., Aristóteles vai definir a *pólis* como uma comunidade política completa, à medida que se constitui pelo conjunto das famílias e de suas aldeias visando um bem (*ἀγαθόν*) e garantindo com isso o máximo da *autarkeias* necessária à *koinonía*. Aristóteles entendeu que a *oikía* fosse a menor unidade da comunidade política (*koinonía*)<sup>33</sup> e a aldeia (*kóme*) uma *apoikía das oikías*<sup>34</sup>, daí concordar e citar Hesfodo para que se tenha de início uma casa, uma mulher e um boi.

As famílias, os parentes e os vizinhos nas aldeias estabeleciam uma sociabilidade e uma solidariedade que atendiam às necessidades locais; eles criavam laços estreitos de amizade entre os seus habitantes, da infância à velhice<sup>35</sup>, e às vezes inimigos mortais. Por outro lado, viver na *pólis* exigia uma solidariedade e uma coesão cívica, ou seja, extra-regional e extrapessoal, à medida que se propunha que todos os iguais vivessem bem na *pólis*. Não podia existir qualquer indecisão na escolha entre atender as obrigações para com a *pólis* ou cuidar dos deveres ou favores entre vizinhos ou parentes ou mesmo amigos. Viver na *pólis* constituía-se num *estilo de vida* pelo qual se cumpriam com rigor as leis que regulavam os direitos e os deveres dos cidadãos para que a *comunidade política da terra dos ancestrais* fosse o único lugar possível de se viver bem<sup>36</sup>. Hesfodo apresenta um deslocamento de foco constante quando claramente exalta as regras de se viver na aldeia e em diferentes versos apresenta a vida no interior de uma casa. Nos *Trabalhos e os Dias*, ele diz: “vv. 405-408: tenha uma casa, uma mulher (serviços), e um boi; cuide dos pais na velhice; recebe hóspedes (*ξεῖτος*), amigos e vizinhos; cumpra com o seu juramento; cultua, honra (preces, libações, oferendas, festas) e ofereça sacrifícios aos deuses imortais; não maltrate um suplicante; cuide dos órfãos; convida para jantar o seu vizinho, pois se alguma coisa acontecer na aldeia o seu vizinho será o primeiro a te socorrer; faça bons vizinhos; pague as suas dívidas; pague o *misthós* que combinou com o seu amigo; obedeça às leis do campo (v. 388: *Οὐτός τοι πεδίων πέλεται νόμος*) para que mais tarde não tenhas fome; a fome acompanha o homem que não trabalha (vv. 300-305: *λιμός - ἀεργός*) case aos trinta anos com uma jovem da vizinhança; tenha um filho para que não seja partilhado o seu patrimônio em disputas entre herdeiros; enterre os seus mortos; afaste-se das querelas da *agorá* e não se sente ao lado do calor do forno dos bronzeiros [v.493]”. Este transitar entre a aldeia, a casa e a *pólis* possibilitou ao poeta acabar por ordenar a tradição e destacar valores que se tornaram comuns aos cidadãos das *póleis*.

Os seus conselhos priorizavam o modo de vida no campo, mas, por outro lado, apresentavam regras que poderiam se estender à comunidade política – *ásty/chôra*. Por outro lado, a exaltação dos trabalhos no campo expunha uma tensão entre o campo (*chôra*) e a cidade (*ásty*), mas este próprio campo era difícil de se trabalhar e mesmo com todo o esforço dos homens da aldeia não alimentava os seus habitantes, fazendo com que a cidade (*ásty*) crescesse em complexidade, complementando e ampliando as condições de vida e do bem viver de toda a população do território cívico.

As inovações do VIII a.C. que promoveram a revolução *polítade*<sup>37</sup> criaram um sistema que podia fazer frente a qualquer tipo tradicional de resistência, mesmo nestes dois primeiros séculos – VIII e VII a.C. – de sua implantação. Os poemas homéricos, por mais que exaltassem as virtudes heróicas da antiga aristocracia, deixavam bem claro que o novo homem é o marinheiro habilidoso que volta restabelecendo uma nova ordem. Hesíodo, nos *Trabalhos e os Dias*, ao dizer *as leis do campo* e a vida na aldeia, na verdade reforça a precariedade deste regionalismo e mostra a necessidade de reformas que venham estruturar o espaço, redimensionando-o em entrelaçamentos que agreguem aldeias em *demos* e estes em tribos plurirregionais. Ao lado dos poemas homérico e hesiódico, os pintores dos vasos<sup>38</sup>, nestes séculos, recobrem a sua superfície curva com várias combinações de traços, pontilhados, ziguezagues, meandros, círculos, círculos concêntricos e, ao representarem o homem, animais ou vegetais, esquematizam em formas também geométricas como se estivessem procurando um novo esquema e uma nova linguagem para expressarem as mudanças que vivenciavam na *ásty*, longe dos heróis mas próximos do camponês/cidadão/guerreiro. A forma circular parecia que seria capaz de dar conta das novas descobertas do homem no espaço. O círculo era uma forma perfeita que podia explicar a unidade na dispersão e a harmonia dos diferentes.<sup>39</sup> Portanto, *pólis* na sua representação circular é a união entre o campo (*chôra*) e a cidade (*ásty*); é cultuar os deuses nos diversos lugares de culto que foram construídos nestes séculos; é escolha de um centro político; é ser cidadão e obedecer às leis da *pólis*; é ser guerreiro corajoso na terra ou no mar e é garantir a *autarkeía* da comunidade (*koinonía*). Duas unidades sociais se interligam, a *oikía/oikos* e a *pólis/koinonía*. A família<sup>40</sup>, pai, mãe e filhos garantem a reprodução deste sistema, e por diversos motivos as esposas deveriam ser escolhidas em qualquer lugar do território cívico para que as alianças e a coesão social se alargassem e não se fechassem nos limites de cada pequena aldeia. Deve-

mos lembrar que o casamento é um contrato/ritual entre dois homens, o pai da noiva e o do noivo. Os pais escolhem as melhores alianças para a família (oikía) e cabe à noiva sair de sua casa e passar para a do marido, na qual como sua sócia e sob sua proteção administrará os afazeres e os bens comuns da família.

Durante o VIII e VII séculos a. C., segundo a maioria dos historiadores, acompanha a revolução *políade*, em toda a Hélade, um aumento considerável da população e dos assentamentos. Corvisier<sup>41</sup>, por exemplo, nos diz que a partir do Geométrico Médio (850-770) a situação da Hélade melhorou através da retomada das relações com o exterior: reativação do comércio marítimo, a melhoria de condições sanitárias, a melhoria de alimentação e a estabilização política promoveram uma retomada demográfica com um crescimento de aproximadamente 5% ao ano, com variações locais. Isto nos indica, mesmo que estes cálculos variem para mais ou para menos, que a cidadania e o número de cidadãos, na *pólis*, dependiam do crescimento da natalidade dos casais que vinham de um casamento reconhecido (legítimo); que para a *pólis* o aumento demográfico atendia a manutenção do número de cidadãos aptos para a defesa do território cívico; que a *pólis* tinha que garantir a alimentação desta população tanto no período de boas colheitas quanto no de carestia, isto porque o campo nunca alimentou a população de uma *pólis*; que a *pólis*, privilegiando a vida urbana, impôs uma demografia urbana diferente da do campo, portanto, se havia um crescimento demográfico, os assentamentos, a concentração demográfica se davam no centro urbano; logo, a questão de falta de terra corresponderia a regimes de propriedade e usos antiquados desta terra. Insistir no plantio de cereais era endividar-se e perder a sua propriedade. O próprio Hesíodo, no lote de terra que ainda lhe restara, aliava o cultivo dos cereais ao dos vinhedos e ao pastoreio. O próprio Hesíodo, cidadão de Téspias, era descendente de um possível cidadão de Kyme (Ásia Menor), portanto, o casamento na aldeia até poderia ser realizado mas não como norma geral no sistema *políade*, tanto por questões de integração social quanto de disponibilidade de mulheres para as “trocas” de casamentos e a formação de um tecido social coeso.

Embora o poeta fale dos trabalhos no campo, ele não deixa de se referir à atividade comercial; ela aparece, nos *Trabalhos e os Dias*, como uma atividade autônoma<sup>42</sup>, que o próprio poeta pratica. A lógica que regulava a *emporíe*<sup>43</sup>, para Hesíodo, era a que ele chamou de *kérdos* - condição essencial de um comércio que serve para evitar as dívidas e a fome (*kérdos* significa ganho/proveito). O comércio marítimo hesiódico possui já as características da *emporía* clássica; em contraste com a *kapeleía*<sup>44</sup>, a *emporía* mar-

cava o comércio voltado para o exterior da comunidade. O modelo do comércio de Hesíodo está ligado aos trabalhos no campo. O comerciante é um *αυτοπώλης* (aquele que vende os produtos de seu trabalho). Aquele que exporta de fato é um *φόρτος* (carga), um negócio – *βίος* (vida, meio de viver, existência, condições de vida) que para Hesíodo é realizado por aquele que plantou e colheu o fruto de Deméter e estes produtos resultam dos *ἔργα* (produtos, trabalhos, atividades no campo). O pressuposto da atividade do comércio é a nau mais a tripulação. A tripulação é simétrica aos dependentes como aqueles utilizados pelo camponês (seus colaboradores na terra).

Hesíodo conhece a atividade marítima e nos seus versos o período propício para a navegação seria aquele em que não ocorresse a atividade agrícola “importante”. O período de navegação seria o de 50 dias após o solstício de verão; por outro lado, deveria ser evitado navegar na primavera, no outono e no inverno. Estas exceções estão relacionadas aos períodos dedicados à agricultura (arar, semear e o período da vindima).

Se tentarmos compreender o raciocínio de Hesíodo por meio de sua vida pessoal, constatamos que o pai de Hesíodo deixou para seus dois filhos terras e que pelo direito de herança o *kléros* foi dividido, fracionado. Perseus perdeu ou lapidou a sua parte e propõe novas disputas judiciárias. Hesíodo apresenta no seu canto o erro da partilha da terra entre herdeiros, fato que, segundo ele, produziu a fome entre as partes. Hesíodo considerava que a terra permanecesse entre os herdeiros e se houvesse necessidade poderiam praticar a *emporíe* para evitar dívidas e fome (o comércio para Hesíodo seria um complemento da atividade agrícola). Partindo do dado que o comércio complementar hesiódico repousava sobre a média propriedade fundiária, no caso de Téspias seria de 1 a 2,5 ha (assentamentos plurifamiliar - *Kóme*), a partilha da terra entre os herdeiros produzia dívidas e pobreza e o comércio complementar foi necessário mesmo com ou sem a partilha dos bens e Hesíodo se utilizou dele.

*Πενίε* não indicava a pobreza no sentido moderno, mas uma condição econômica que não se consegue alcançar a *autarkeía*. O ideal, para Hesíodo, é o comércio com uma só nau e que esta fosse grande o bastante para caber uma carga maior. Ele – Hesíodo – não aceita a experiência paterna de ter mais de uma nau<sup>45</sup>. A *emporíe* de Hesíodo apresenta um caráter de absoluta *autarkeía* com perfeita integração no mundo dos *érge*, inserindo-se ao lado das atividades agrícolas. Navegação praticada por um *nómos*, ou lei da natureza, determinada pela posição geográfica e pela passagem das estações, mas de qualquer forma necessária.

Hesíodo conhece o termo *emporíe* e o substantivo *émporos* – viajante (comerciante) em uma nau de outrem. O comércio a que Hesíodo se refere é o do *tipo aristocrático*, que se define como *préxis*, com um sentido semelhante àquele de *érgon/érga*. O ideal hesiódico de um comércio conduzido pela *autarkeía*, relacionado seja com a posse da terra e dos produtos, seja com a posse da nau e da tripulação, seja com a participação direta no transporte e na venda dos produtos, encontra-se de fato nos casos do comércio aristocrático, diferente da atividade marítima da *pólis*, que remete à *téchne* dos marinheiros, da construção náutica, do domínio de rotas comerciais. A participação direta no transporte e na venda de mercadorias é para a aristocracia um fato comum. Por exemplo, Demeratos, *aristós* coríntio, realizava comércio entre coríntios e etruscos (D. Hal. Ar III, 46, 3-5).

A atividade do comércio aristocrático estava estreitamente relacionada com a da grande fazanha, da pirataria; é, por exemplo, o caso foceu. Há uma outra afinidade entre comércio aristocrático e o hesiódico - *oikétai* - tripulação estreitamente ligada ao produtor/comerciante. O problema da relação entre o tipo de comércio que Hesíodo propõe representa um elemento de resistência à estruturação da *pólis*, à medida que na *pólis* a navegação promovia a especialização cada vez maior do trabalho e das atividades econômicas. Hesíodo pode ter apresentado a tradição do comércio aristocrático pelo conhecimento das atividades na Jônia e na Anatólia, nas quais confluem tanto o comércio local quanto a navegação em longa distância. Mas, o universo de Hesíodo é aquele onde há a oposição *ásty* e *Kóme* e uma esfera política dotada de um centro no qual se contrapõe uma periferia aldeã forte. No mundo de Hesíodo ainda não existe um *dêmos*/povo; uma circunscrição política do território e os *politai* não se encontram no *dêmos*/ território, são os *basileus* que exercem o poder. Téspias ainda está no processo de emergência da *pólis* e vivenciando os conflitos de sua implantação. Em Hesíodo as diferenças sociais ainda são bem marcantes: de um lado, o camponês estimulado a arar, plantar, fazer as trocas comerciais e a ser um bom administrador, e do outro, ceramistas, carpinteiros, comerciantes, marinheiros e mesmo os aedos envolvidos em uma mesma lógica de competição pela participação política e pelo direito à cidadania.

Hesíodo conhece e condena um *emporíe* que se destaca da agricultura para fazer comércio no verão ávido de *chrímata* (recursos, fortuna, riqueza) ou para comercializar tudo de *βίος*. Ele conhece o comerciante profissional, que é o *πηρηκτήρ*, mas vê também o comerciante fênicio disposto por moti-

vos comerciais a passar um ano inteiro em um porto estrangeiro. A primeira característica deste comércio-*préxis* era uma alternativa de especialização, e um ofício fora da agricultura. Os xênoi que vêm do mar ou fazem uma viagem com propósito de *préxis* ou de pirataria são especialistas do mar. O termo *préxis* possui dois significados: negócio, atividade e, por outra vantagem, utilidade: “atividade orientada para um propósito útil e vantajoso.” Por esta via podemos compreender como o termo *préxis* indicava atividade comercial separada da agricultura. O valor atribuído aos produtos era calculado a partir do número de bois, por exemplo, na época de Drácon. Era ativo o comércio dos metais (seu comércio e seu entesouramento), que não pertencem à esfera do comércio em Hesíodo. Para este, a prática do comércio do tipo aristocrático e amadora estava restrita às formas de atingir a *autarkeía do oikos* (terra, animais e cereais).

Os bens deste tipo de comércio podem aparecer como bens de consumo (escravos, metais brutos, animais, peles, produtos agrícolas) e como bens duráveis (metais elaborados/forjados, jóias, eventuais recipientes de produtos agrícolas), e o comércio do vinho às vezes aparece como uma atividade específica ou especializada. O comércio podia trazer vantagens, tais como: armas de ouro poderiam valer 100 bois. Um objeto deste tipo poderia alimentar um grande comércio de cereais. Cem bois eram o ‘produto’ anual mínimo de um *pentacosiomédina*. Este comércio-*préxis*, na forma de comércio de metais, apresenta já características de um comércio intermediário profissional.

Hesíodo depreciou todas as atividades diferentes dos trabalhos da terra, assim como o comércio e o comerciante – por exemplo, a atividade do artesão é comparada à de um mendigo – πτωχός.

O comércio arcaico estava apoiado na prática da *xenia*. O comércio-*préxis* é comércio de *bíotos*, cereais, escravos, vinho e metais, orientados para locais de comércio determinados, garantidos pelas relações de *xenia* e o respeito à sacralidade que o estrangeiro possui. O comércio políade era uma *téchne* que envolvia um grande número de cidadãos altamente especializados. Já o comércio-*préxis* é uma atividade coletiva e consiste em uma superação do comércio-*érgon* de Hesíodo.

Hesíodo define *emporíe* como comércio, mas oposto ao seu modelo de comércio (de *bíos*). Ele condena o comércio na primavera, época importante para a atividade agrícola (colheita e conservação dos grãos). Hesíodo

é testemunha de um *emporíe* tornando-se um ofício que produzia riquezas diferentes do trabalho da terra (*chrematístico*).

No VII século, com a crise da *xenía/hospitalidade* (pilar do comércio aristocrático e arcaico) ocorre a separação entre o campo e a cidade. Tal crise está relacionada com o advento de elementos sociais diversos da aristocracia - não *aristoi* - grupos considerados de baixas condições sociais (*status*) mas que garantiam o abastecimento, a riqueza e o poder da *pólis*.

O comércio de artesanato foi bastante desenvolvido em Corinto, do VII e VI séculos. a.C., e era conhecido por Hesfodo e pelos cidadãos de Téspias. A política dos tiranos contra os *áristoi*, com seu programa de colonização, favoreceu o incremento da *nautilíe* e assegurou a tranqüilidade das rotas do Golfo de Corinto e do Mar Jônio. O aumento da produção de cerâmica para trocar por grãos trouxe mudanças consideráveis tanto em relação ao que se cultivava quanto ao crescimento das oficinas dos oleiros. Vê-se, assim, a relação entre tirania, medidas contra a aristocracia e a *τροπή*, autonomia econômica de grupos ligados à importação dos cereais e possibilidade de alugar e armar navios. Constata-se a mudança de *comércio aristocrático* para um comércio especializado que privilegiava a autonomia do *dêmos*. Hesfodo conhece, por um lado, a política coríntia e suas inovações e, por outro, a tradição/passado dos *áristoi* de Askra.

Do VIII ao VI séculos temos dois tipos de comércio: 1 - *préxis/érgon* e 2 - *emporíe*. O primeiro tinha como pilar a hospitalidade e o comércio de escravos, vinho, grãos e metais. O segundo era criticado por Hesfodo, pois estava relacionado a *χρήματα*, estranho ao mundo *préxis-érgon*. A tirania (VII/VI), o crescimento da importação de grãos e da exportação de cerâmica (de luxo ou não) eram fenômenos diferentes daqueles que se processavam em Téspias, que, nesta época, ainda estava às voltas com a questão da unificação do território cívico e de escolha do centro político que congregasse a população dispersa e autônoma das aldeias.

Se a *pólis* de Téspias estava num processo de unificação dos oito assentamentos de seu território, era pela premência de unir e de determinar este espaço cívico face às vizinhas Tebas, a 14,7 km de distância, e Haliarto, a 12,7 km. Estes fatos tornam claro as tensões e conflitos no interior de Téspias e nas suas fronteiras. Já Corinto, do outro lado do Golfo, é uma *pólis* em pleno desenvolvimento e *expansão colonial* nestes séculos. Hesíodo vive uma conjuntura conflituosa e sem retorno ao passado heróico. Estes conflitos entre o

passado e o presente se apresentavam para Hesfodo como mudança nas relações entre a aldeia, a casa e a *pólis* (em emergência).

A casa (*oikía*), menor parte da *pólis*, era formada por pessoas regularmente e hierarquicamente estabelecidas no seu interior.<sup>46</sup> O senhor (*despótes*) e os escravos (*douloi*); o marido (*pósis*) e a esposa (*álochos*); o pai (*patér*) e os filhos (*tékna*) eram como pares que estabeleciam relações e hierarquias diferentes e necessárias para se garantir a boa gestão do *oíkos*: administração dos bens (*oikonomía*), a autonomia (*autarkeía*) e os negócios (*chrematistikós*).<sup>47</sup>

O pai/marido tratava a mulher (*gunaikós*) como livre (*eleuthéria*), como se ela fosse um cidadão (*polítes*). Neste caso, a mulher, como os cidadãos, na *pólis*, devia aprender, sucessivamente, a governar (*árchon*) e ser governada (*archómenon*) para que todos fossem iguais (*ísoi*).

No Econômico III.1 - 4 e IV. 1 - 3, o pseudo Aristóteles apresenta as relações entre o homem (*andrós*), a mulher (*gunaikós*) e o casamento (*gamos*). Desenvolvendo o argumento da *phýsis*, ele afirma que a relação entre o homem e a mulher deve ser sempre objeto de atenção (*epiméleia*). O homem e a mulher se associam por uma necessidade da natureza (*phýsis*). Esta união não estaria ligada exclusivamente à manutenção da espécie, como nos demais animais, mas corresponderia a uma articulação mais complexa. Eles se associam (*sunergíai* – *sun*= juntos – *ergós*= esforço voluntário) por que estão dispostos a cooperar/ajudar (*ophéleia* – ajuda, necessidade) um ao outro, tendo em vista a vida em comum (*koinonía*). Por isso, promovem a divisão de tarefas na administração da casa e de seu patrimônio (*ktemáton*). Ao homem cabe a atividade (*ergasía*) de fora e à mulher cuidar do interior da casa. Quanto aos filhos, as obrigações também são diferentes: o homem educa (*paideúo*) as crianças e a mulher as nutre (*tróphos,ov*).

Aristóteles e Xenofonte estabelecem as regras de conduta do marido para com a esposa e praticamente elas se aproximavam às de Hesfodo. Consideram que o primeiro cuidado do homem é não cometer injustiça para com a mulher. Evitar que ela lhe proponha muitas questões. Ela deve aprender tudo que o marido ensina e executar as tarefas que são necessárias na casa, mesmo estando o marido ausente<sup>48</sup>.

Iscômaco, personagem de Xenofonte,<sup>49</sup> apresenta uma lista dos trabalhos (*érga, ergasía*) da mulher para o crescimento da casa e de suas virtudes. Compete à mulher: guardar as provisões em boa ordem (τάξις, εως – pôr em

ordem; κοσμέω – pôr em ordem; θέσις – pôr em ordem), tendo em vista a conservação, o uso e o controle do estoque para garantir o sustento de todos. Cada objeto deve ter seu lugar próprio, como os sapatos, os mantos, os vasos de cerâmica e de cobre, as panelas, a louça da mesa, as armas, os instrumentos de trabalho agrícola<sup>50</sup>; os vinhos devem ser guardados em lugar fresco e os grãos em lugares secos. Ela, ao distribuir as porções de cada pessoa da família, deve dar para cada um a sua justa parte. Procriar, cuidar e alimentar os filhos. A mulher prepara a farinha; cozinha o pão, os bolos, os doces e as papas. Ela fia e tece as roupas, os cobertores, as mortalhas e as colchas de lã ou de linho. Prepara os banhos diários e os rituais. Honra o culto familiar, mantém o fogo familiar (Héstia doméstica) e às divindades da *pólis*. Conhece as preces, as súplicas, os filtros para se manter a saúde e o amor; os cantos e as danças<sup>51</sup> para cada evento sagrado ou profano. É responsável pela preparação do morto para os funerais de qualquer membro da família.<sup>52</sup>

A casa exige da mulher (*gunaikós*) trabalhos (*érga*), cuidados (*epimelémata*) e observação de tudo e de todos com um olhar atento, em silêncio, moderação, controle de si (*sophrosýne*), justiça e numa rotina sem fim. Ela era considerada a “amiga” das leis (*monophýlaka*) que regulamentavam os bens da casa (*chréma* – bens, riqueza, *ktéma* – bem, propriedade, patrimônio).

No nosso entender, Hesíodo e Semônides de Amorgos<sup>53</sup>, em seus cantos, traçaram os argumentos “tradicionais”<sup>54</sup> para que posteriormente aparecessem um discurso e mesmo uma legislação que faziam da mulher uma “eterna menor”<sup>55</sup>. Mas, nos próprios textos que depreciavam a mulher, o uso de determinadas palavras que invocavam ação voluntária e capacidade de agir por sua própria decisão nos indicam que havia uma distância entre a “ideologia da *mélissa*” e as práticas sociais<sup>56</sup>. Por exemplo, quando os textos se referem às atividades domésticas femininas, são usados os seguintes termos: *ergázomai* – trabalhar; *érgane* – autora de; *ergasía* – trabalho, prática, confecção; *érgon* – ação, trabalho, incluindo a própria virtude (*areté*) daquele que faz algo; *ergátis* – autor de; *téchne* – que conhece os meios de fazer algo, habilidade; *poíesis* – fazer, criar e *dúnamis* – faculdade de poder fazer alguma coisa, talento. Todas estas palavras pertencem a um campo semântico que se refere a quem “trabalha” por sua própria conta, ou seja, não está subordinada à orientação ou ao pagamento ou mesmo ao comando de uma outra pessoa. Portanto, a gerência/administração do interior da casa é a ocupação, o domínio e o

poder (*arché*) da mulher<sup>57</sup>. Logo, a mulher tem um lugar no qual é reconhecida a sua *arché* e do qual ela não abre mão; ela tem consciência do seu lugar e da sua atuação. Este lugar advém do casamento.

Os rituais<sup>58</sup> do casamento correspondem a mudanças, tais como a transferência da noiva da casa paterna para a do marido; a presença de uma nova mulher, de uma nova família, no cotidiano da casa e da vizinhança do marido; a integração dos cultos familiares aos cultos comunitários.

O casamento é uma cerimônia pública<sup>59</sup> de união na qual um homem e uma mulher passam a um estado de vida em comum, sexo legal e filhos legítimos; estabelece alianças entre as famílias de diversos pontos da *pólis* e forma a base da coesão do Estado. Portanto, o casamento na aldeia representa um estreitamento das relações entre os habitantes de Askra face ao processo de *synoikía* de Téspias. Da mesma forma que Hesíodo vê o comércio como uma atividade restrita, para atender às necessidades locais, ele faz do casamento a mesma restrição, apresentando de uma certa forma as resistências locais à revolução *políade*.

O casamento *na pólis* deve se realizar nas trocas das mulheres de todo o território cívico para que a solidariedade e coesão social ou mesmo a *phília* da qual fala Aristóteles possa se processar permitindo a consolidação da ocupação do território entre os cidadãos.

## Documentação

ARISTÓTELES. *A política*. Lisboa: Vega, 1998.

HESIODE. *Théogonia, Les Travaux et les jours, Le Bouclier*. Paris: Belles Lettres, 1996.

ISOCRATE. *Discours. (Panégyrique)*. Tome II, Paris: Belles Lettres, 1987.

XENOPHON. *Anabase*. Tome I e II. Paris: Belles Lettres, 1992, 1967.

\_\_\_\_\_. *Cyropédie*. Tome I a III. Paris: Belles Lettres, (1972, 73, 78).

\_\_\_\_\_. *Helléniques*. Tome I e II. Paris: Belles Lettres, 1973.

\_\_\_\_\_. *Banquet-Apologie de Socrate*. Paris: Belles Lettres, 1993.

\_\_\_\_\_. *Le commandant de la cavalerie*. Paris: Belles Lettres, 1973.

*Recueil des Inscriptions Grecques*. Paris: Ernest Leroux Libraire-éditeur, 1912, organizado por Charles Michel.

*Recueil des Inscriptions Juridiques Grecques*. Roma: L'Erma, 1965 (Organizada por Dareste, R. et alii).

*Leges Graecorum sacrae. The sacred laws of the Greek city states collected from the inscriptions*. Chicago: Ares Publishers, Inc., 1987 (organizado por Ioanes de Prott e Ludocicus Ziehen).

*Corpus Vasorum Antiquorum*.

## A bibliografia encontra-se nas Notas

### Notas

---

<sup>1</sup> Este artigo foi resultado de uma Comunicação na UFF patrocinada pelo CEIA, em 2002. Neste evento formou-se um debate sobre Hesíodo, do qual participaram: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso, Prof. Dr. Jaa Torrano, Prof. Dra. Silvia Damasceno e Neyde Theml.

<sup>2</sup> MOSSÉ, Claude. *La colonization dans L'Antiquité*. Paris: Fenand Nathan, 1970. MOSSÉ, Claude. *La Tyrannie dans la Crèce Antique*. Paris: PUF, 1969. Mossé localiza a colonização arcaica entre o VIII e VII séculos a.C. (Pithécuses - colônia de Chalcis - 770 a.C.); Cipselo tirano de Corinto no fim do VII séc. a.C.; Pisístrato tirano em Atenas em 561 a.C. Devemos lembrar que Askra está voltada para Golfo de Corinto e que esta *pólis* tende para as atividades urbanas e marítimas a longa distância.

<sup>3</sup> Vizinhos vão aparecer nos poemas como: γείτων, ονος - γείτονας, ων.

<sup>4</sup> Provavelmente o *synoikismós* (*synoikía-viver juntos*) Ático poderia ser datado no X século a.C.; em 682, a eleição dos arcontes; 625, as leis de Dracon. Homero está sendo considerado entre os Historiadores como sendo de 750/700 a.C. e Hesíodo do final do VIII ao início do VII século a.C. A Colonização aparece em 750 e as Tiránias por esta mesma época. As *póleis* da Beócia teriam um processo mais complexo pelo fato do forte regionalismo que já existia no território.

<sup>5</sup> OSBORNE, Robin. *La formación de Grecia. 1200-479 a.C.* Barcelona: Crítica, 1998; CORVISIER, Jean-Nicholas e SUDER, Wiestaw. *La population de l'Antiquité Classique*. Paris: PUF, 2000. O destaque destes autores, para a nossa apresentação, refere-se ao contínuo crescimento demográfico do X ao V séculos a.C. E os diferentes tempos de emergência da *pólis*.

<sup>6</sup> ROUSSEL, Denis. *Tribu et Cite*. Paris: Belles Lettres, 1976. BOARDMAN, John. *Aux origines de la peinture sur vase en Grèce*. London: Thames & Hudson, 1999.

<sup>7</sup> VLACHOS, G.C. *Les sociétés politiques homériques*. Paris: PUF, 1974. Este autor apresenta a seguinte questão: os áristoi no nono século formam um grupo social com poder, riqueza, prestígio que pode discutir o exercício do poder político, mas este grupo apresentava-se dividido em duas facções: os *áristoi*, que defendiam a realeza, e *basiléia*, que promoviam a república, ou seja, a formação da *pólis*.

<sup>8</sup> Iremos trabalhar neste texto com o volume bilíngüe da editora Les Belles Lettres, 1996, no qual os poemas *Teogonia*, *Os Trabalhos e os Dias* e o *Escudo* foram estabelecidos e traduzidos por Paul Mazon. Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 639-640. Askra - *Kóme* - árida, clima difícil, terra de difícil trabalho. Askra ao sul do monte Hélicon (lugar de pastores). As Musas da Piéria ofereceram o bastão de loureiro ao poeta-pastor. Nesta região encontra-se o santuário das Musas. Devemos lembrar que santuários, templos e fortes faziam parte do processo de marcação do território cívico.

<sup>9</sup> A Beócia é uma região que possui 2.818 km<sup>2</sup>. Durante os séculos IX ao VI a.C. apresenta-se num processo de implantação das seguintes *pólesis*: Queroneia - 57,35 km<sup>2</sup>; Hisias - 50,97 km<sup>2</sup>; Acraifia - 47,03 km<sup>2</sup>; Copas - 116,14 km<sup>2</sup>; Coronea - 116,78 km<sup>2</sup>; Lebadea - 125,87 km<sup>2</sup>; Haliarto - 88,07 km<sup>2</sup>; Orcômeno - 196, 27 km<sup>2</sup>; Tanagra - 245,65 km<sup>2</sup>; **Téspias - 447,36 km<sup>2</sup>** e Tebas - 907, 61km<sup>2</sup>. **Téspias** apresentava oito assentamentos plurifamiliares na *chôra*. Os assentamentos plurifamiliares correspondem a propriedades com aproximadamente 1 a 2,5 ha e as mais afastadas da *ásty* chegam a 0,1 a 0,2 ha, instalações do tipo granja, a distância entre elas é de 1 km a 75 m. Este tipo de assentamento, com pequenas propriedades, ocupa dois terços do território da *pólis*. A distância de Téspias à *pólis* de Haliarto é de 12,7 km e à de Tebas é de 14,7 km. Território montanhoso, planícies bem irrigadas por rios. Podemos verificar que Téspias é uma *pólis* cujo território cívico é expressivo entre as demais *pólesis* da Beócia e a sua *chôra* ocupada desde período remoto, daí uma forte resistência dos grupos que habitavam a zona rural. É o caso de Askra, ao pé do Hélicon. Mas, este processo de formação da *pólis* exige marcação do território cívico e Téspias tem vizinhas bem competitivas.

<sup>10</sup> DOVER, E.L. et al. *Literatura en la Grecia Antigua*. Madrid: Taurus, 1986; CANFORA, Luciano. *Histoire de la Literature Grecque d'Homère a Aristote*. Paris: Édition Desjonquères, 1989. Os autores discutem a obra de Hesfodo e apresentam informações a respeito do pai de Hesfodo, que teria migrado para Téspias diante das dificuldades que passava em Kyme, na Eólia (Ásia Menor). Foge da pobreza funesta de Kyme. Parece ter sido um navegador comerciante que havia empobrecido. A família de Hesfodo parece que cultuava Hecate.

<sup>11</sup> VAN EFFENTERRE, Henri. *Les Béotiens: Aux frontières de l'Athènes antique*. Paris: Armand Colin, 1989; LECLER, Marie-Christine. *La parole chez Hésiode*. Paris: Belles Lettres, 1993.

<sup>12</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 199-201.

<sup>13</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv.95-96.

<sup>14</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 11-25.

<sup>15</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 38-40.

<sup>16</sup> Perseu, irmão de Hesfodo, com a morte do pai, consegue em juízo a partilha dos bens e ameaça Hesfodo com um novo litígio e a uma nova partilha.

<sup>17</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 9-10.

<sup>18</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 250-256.

<sup>19</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 202-208. O conto do Gavião e o Rouxinol. Conota a luta desastrosa judiciária entre Hesfodo e Perseu que, de fato, era um exemplo entre os conflitos entre a tradição e a nova ordem *polítade*, entre o poder da força e o do direito.

<sup>20</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 311-319.

<sup>21</sup> Agrós – άγρος – no entendimento de Hesfodo compreendia campos cultivados, pastos e bosques.

<sup>22</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*. v. 405. [...] Οίκον μὲν πρώτισται γυναῖκα τε βοῦ τ ἀροθῆρα κτητῆν οὐ γαμετήν.

<sup>23</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*: vv. 201-210.

<sup>24</sup> Hesfodo. *Os Trabalhos e os Dias*. vv.695-705. **695** - Ὁραῖος δὲ γυναῖκα τεδὸν ποτὶ οἶκον ἀγεσθαι; **696** - μήτε τρινκόντων ἐτέων μάλα πολλὰ ἀπολείπων; **697** - μήτ' ἐπιθείς μάλα πολλά γάμος δέ τοι ὤριος οὗτος; **698** ἢ δέ γυνὴ τέτορ' ἠβῶοι, πέμπτω δὲ γαμοῖοτο; **699** Παρθενικὴν δὲ γαμεῖν, ὡς κ' ἦθεα κεδνὰ διδάξης; **700** - Τῆν δὲ μάλιστα γαμεῖν, ἢ τις σέθεν εγγύθι ναίει, **701** - Πάντα μάλ' ἀμφὶς ἰδῶν, μὴ γείτοσι χάρματα γήμις; **702** Οὐ μὲν γάρ τι γυναικὸς ἀνὴρ ληΐζετ' ἄμεινον; **703** Τῆς αγαθῆς, τῆς δ' αὖτε κακῆς οὐ δίγιον ἄλλο, **704** δειπνολόχης, ἢ τ' ἄνδρα καὶ ἰφθιμόν περ ἑόντα, **705** - εὖει ἄτερ δαλοῖο καὶ ὠμῶ γῆραι δῶκεν.

“É na idade propícia que se há de trazer para casa uma esposa, quando não tiverdes nem muito mais nem muito menos de trinta anos: virá então o casamento no momento próprio. Quanto à mulher, deve ter chegado, há quatro anos, à idade da puberdade, e casar no quinto. Desposa uma virgem para lhe ensinar honrados costumes, e, sobretudo, casa com pessoa que more na tua vizinhança, depois de haver examinado tudo bem, com receio de desposar alguém que provoque a risada dos teus vizinhos. Nada melhor pode adquirir o homem do que uma mulher, desde que seja boa; mas, contrariamente, nada pior do que uma ruim, que espreita o ensejo dos bons repastos: consume esta, sem archote, um homem, ainda que robusto, e o reduz a velhice precoce”. (vv. 695-706). 1947.

<sup>25</sup> Hesíodo. *Teogonia*: vv. 570-610; *Trabalhos e os Dias*: 55-89 - A criação de Pandora como resposta ao roubo do fogo por Prometeu. Na *Teogonia* aparece no verso 603 - γαμο” (casamento) e no verso 608 - ἄκοιτις (esposa).

<sup>26</sup> Pandora significa: πᾶς, πᾶσα, πᾶ - todo; δῶρον - todo; dw’ron- presentes “a detentora de todos os dons” (Brandão, Junito. *Dicionário Mítico Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 234)

<sup>27</sup> Hesíodo. *Teogonia*. vv. 570-584. Assim, ao lado do fogo, (Zeus) criou um mal para os homens (κακόν ἀνθρώποισιν). Com a terra Hephaistos modela um ser semelhante a uma jovem (παρθένω). Athena de olhos glaucos (de coruja, verde) adornou com vestes brancas luminosas, um véu todo bordado, uma maravilha para os olhos; na cabeça, um diadema de ouro. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 60-85 - com terra e água Hephaistos modela um ser com voz (αὐδην) e força humana, mas semelhante aos imortais. Athena a veste com tecidos de mil cores, Afrodite lhe oferece uma coroa de ouro, torna-a graciosa, estimula o desejo que dobra os membros; Hermes um coração artificial (νόον καὶ ἐπίκλονπον ἦθος); Athena coloca um colar de ouro; nos cabelos as Charités colocam guirlanda de flores da primavera; Hermes coloca no seu peito mentiras (ψεῦδεά), Hermes lhe dá a palavra (ἄρα φωνήν) [v.79] e um nome ὀνόμηε δε τήδε γυναῖκα Πανδώραν pois são os deuses Olímpicos que presenteiam os mortais que comem pão.

<sup>28</sup> Pandora não teve um modelo humano. Os deuses Hephaistos, Athena, Afrodite, Hímeros, Chárites, Pheithó, Hermes lhe deram um nome, uma voz (Hermes concede a φωνή) e a criam no modelo divino. Cabe lembrar que αὐδή - é a palavra divina cujo significante e significado correspondem ao que é dito, mas φωνή, capacidade vocal dos homens, marca uma diferença entre significante e significado, conotando a ambivalência da palavra.

<sup>29</sup> BALLABRIGA, Alain. *Les fictions d’Homère: L’invention mythologique et cosmographique dans l’Odisée*. Paris: PUF, 1998. pp 12-18.

<sup>30</sup> LEDUC, Claudine. Comment la donner en mariage? La mariée en pays grecs (IX - IV s.av.J.- C.). In: *Histoires des femmes en Occident*. Direção de Georges Duby e Michellhe Perrot, *L’Antiquité*. Direção de Pauline Schmitt Pantel, Paris: pp. 259-316. Claudine considera que a troca de mulheres a longa distância era uma prática dos *áristoi* e que até o VI séc. o casamento nas *póleis* ainda se fazia nas aldeias, demonstrando um certo arcaísmo.

<sup>31</sup> Hesíodo. *Os Trabalhos e os Dias*. vv. 45-80. O mito de Pandora; vv. 2335-236. Exaltando os trabalhos no campo, diz que a terra oferece uma vida abundante, próspera, e as mulheres têm filhos semelhantes a seus pais; vv. 371-375 entre vários conselhos previne que uma mulher com sua anca ornada não venha tirar a sua razão (νόον) e que quem confia numa mulher é o mesmo que confiar em ladrões; vv. 380-

404 ao alertar Perseu que não lhe dará nem lhe prestará mais nada, diz que “Trabalhe nos trabalhos que os deuses reservaram aos homens se tu não queres um dia com teus filhos e tua mulher ir de vizinho a vizinho encontrar entre eles a sua cura; cuida de pagar as tuas dívidas e se coloque ao abrigo da fome”; vv 585-588 quando se refere ao verão, especialmente quando Sirius queima a cabeça, os joelhos dos homens, as cabras estão mais gordas e o vinho melhor, as mulheres são mais ardentes e os homens indolentes (μαχλόταται δέ γυναῖκες, ἀφάρότατοι δέ τοι ἄνδρες); v. 653 da guerra dos helenos contra Tróia de belas mulheres (καλλιγύναικα; vv 695-705 o tempo do Casamento, versos citados na íntegra mais acima; v. 774 conselhos como um homem não deve se banhar na mesma água na qual se banhou uma mulher.

<sup>32</sup> Hesfodo nestes versos não fala em ἄκοιτις, ou ἄλοχος, ele vai sempre tratar - γυνή - γυναικός.

<sup>33</sup> Aristóteles. *A Política*. I. 1. 25-30. (1252a)

<sup>34</sup> Aristóteles. *A Política*. I. 2. 25-30. 1252b.; 1-5 -1253a.

<sup>35</sup> SISSA, Giulia. La famille dans la cité grecque: V-IV siècle avant J.C., In: *Histoire de la Famille*. Paris: Armand Colin, 1986. pp 209-251.

<sup>36</sup> GLOTZ, G. *Solidarité de la famille dans le droit criminel en Grèce*. Paris: Albert Fontemoing, 1904; BOURRIOT, F. *Recherches sur la nature du génos*. Lille: U.Lille, 1976.

<sup>37</sup> CORVISIER, Jean-Nicolas. *Les grecs à l'époque archaïque*. Paris: Ellipses, 1996; LONIS, Raoul. *La cité dans le monde grec*. Paris: Nathan Université, 1994; LORAUX, Nicole. *La cité divisée. L'ouli dans la mémoire d'Athènes*. Paris: Payot & Rivages, 1997; MARTIN, R. *L'urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris: Picard, 1956; MARTIN, Roland. *Architecture et Urbanisme*. Roma: EFR, 1987; MURRAY, Oswyn. *Grecia Arcaica*, Madrid: Taurus, 1983; POLIGNAC, F. *La naissance de la cité Grecque*. Paris: Découverte, 1984; SNODGRASS, A. *La Grèce archaïque; le temps des apprentissages*. Paris: Hachette, 1980; VLACHOS, G.C. *Les sociétés politiques homériques*. Paris: PUF, 1974; AMOURETTI, Claire. *Le pain et l'huile dans la Grèce antique*. Besançon: Belles Lettres, 1986; BERTRAND, Jean-Marie. *Cités et royaumes du monde grec: espace et politique*. Paris: Hachette, 1992; EFFENTERRE, H. *La cité Grecque*. Paris: Hachette, 1985; EHRENBERG, V. *From Solon to Socrates*, London: Methuen, 1983; EHRENBERG, V. *L'Etat Grec*. Paris: Maspero, 1976; LEVI-Strauss. *Estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

<sup>38</sup> Ver pranchas com vasos beócios no final do artigo.

<sup>39</sup> BOARDAMAN, John. *Aux origines de la peinture sur vase en Grèce*. Paris: Édition Thames & Hudson, 1999; LISSARRAGUE, F. & THELAMON, F. *Image et*

*céramique Grecque*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, n° 96, 1983; LINDEKENS, René. *Texte, Image et société*. Paris: Klincksieck, 1991; CAVEING, Maurice. *La figure et le nombre: Recherches sur les premières mathématiques des Grecs*. Paris: Press Universitaires du Septentrion, 1997; MARTENS, Didier. *Une esthétique de la transgression. Le vase grec. De la fin de l'époque géométrique au debout de l'époque classique*. Belgique: Academie royal de Belgique. 1992.

<sup>40</sup> ALISON, C. The family farm in Greece, **In**: *Classical Journal*, Vol. 73, 2, 1977/78; BERMEJO, Jose. *Mito y parentesco en la Grecia arcaica*. Madrid: Akal, 1980; GERNET, L. Observation sur le mariage en Grèce. **In**: *Revue d'Histoire du Droit français*, Paris, 1954; LACEY, W.K. *The Family in classical greece*. London: Thames and Budson, 1972; LEDUC, Claudine. Citoyenneté et parenté dan la cité des Athéniens. **MÉTIS**, vol.IX-X- Paris-Athènes, 1994/95; pp 51-68. (Centres de recherches comparées sur les Sociétés Aciennes. – 10, Rue Monsieur Le Prince. 75006. Paris- France); LORAUX, N. *Les enfants d'Athéna, Idées athéneïnes sur la citoyenneté et la division des sexes*. Paris: Seuil, 1990; VÉRILHAC, Anne-Marie e VIAL, Claude. *Le Mariage Grec. Du VI siècle av. J.-C. À l'époque d'Auguste*. Athènes: De Boccard, 1998.

<sup>41</sup> CORVISIER, Jean-Nicholas e SUDER, Wiesław. *La population de l'Antiquité Classique*. Paris: PUF, 2000, pp. 25-31; **Institute of Archaeology and Antiquity** -The British Academy-sponsored Boeotian Expedition, a pioneering intensive survey-based exploration (1979-1995) of regional history directed by Professor Anthony Snodgrass.

<sup>42</sup> MELE, Alfonso. *Il Commercio Greco Arcaico: Prexis ed Emporie*. Naples: Cahiers du Centre Jean Bérard IV, Institut Français de Naples, 1979.

<sup>43</sup> A palavra *Emporie* - Ἐμπορίε significava comércio por mar (*emporías*) ou seja um comércio marítimo voltado para o exterior. *Emporie* era sinônimo de ναυτιλίη - que significava transporte por mar/ navegação (*nautilias*) - e de πλόος- ou seja, manutenção de uma embarcação e *plóos* também significava navegação.

<sup>44</sup> *Kapeleía* significava pequeno comércio, comércio de vinho e de especiarias.

<sup>45</sup> O pai de Hesíodo morava na Grécia asiática - VIII/VII sécs. a.C. Cumes (Kyme) - focídia, voltada para o mar. Cumes afluí produtos de luxo e metais.

<sup>46</sup> SISSA, Giulia. La famille dans la cité grecque (V-IV eme.síècle avant J.-C.). *Histoire de la Famille*. Paris: Armand Colin, 1986, pp. 209-251.

<sup>47</sup> HESÍODE. *Les travaux et les jours*. Paris: Belles Lettres, 1996; XENOFONTE. *Economique*. Paris: Belles Lettres, 1949;(427/335 a.C.). Diálogo Socrates e Critobulo. I.1. *oikonomías* bem administrar (*agathoi*) o seu *oikos*; I.6. identificamos a casa do homem todos os bens que ele possui (*oikos* – *ktêsis*); I. 8- A riqueza (*Chrémata*) (χρήματα) é boa (ἀγθόν); 8-A terra é um bem para quem a trabalha, quem não a

trabalha a perde (*gê*) *ergázetai* (ἐργάζεσθαι). 5 – (cidadão rico) “De início eu te vejo obrigado a oferecer freqüentemente grandes sacrifícios (*ousias*) aos deuses; se não estarás mal com eles e com os homens; terás que receber hóspedes estrangeiros (ξένους) com magnificência; oferecer jantares (δειπνον - δειπνίζειν) aos cidadãos e prestar serviços συμμάχων, senão, não terás ninguém por ti. A *pólis* te imporá pesadas despesas, como: criar cavalos ἵπποτροφίας, manter *choregías*, *gymnasiarchias* (corrida com tochas), um *prostateías* (cargos); em caso de guerra terás que armar uma *triére* (*trierarchías*), ou *misthoí* ou *eisphorás*; tu não poderás fazer face a despesas e os atenienses ainda te processarão e te arrancarão os teus próprios bens. III.5- cultivar a terra = *gê* ou *agrós* = γεωργίας; III- 14 da mulher; 15 - γυναῖκα κοινωνόν ἀγαθὴν οἴκου. É a atividade do homem ἀνδρός que faz entrar os bens κτήματα na casa οἰκίαν. Mas é a gestão (*ergasia*) da mulher γυναικός que rege as despesas. Se ela faz isto bem, a casa prospera; se faz mal, a casa também irá mal. IV. 2 - os *banausikaií* (que trabalham com fogo - oleiro e ferreiro) são desprezados na *pólis*; 3. [...] βαναυσικάς τέχνας ἐργάζεσθαι; IV.4 - Rei βασιλλέα dos persas está convencido que agricultura γεωργία e a técnica da guerra πολεμικὴν τέχνην são ocupações mais belas καλλίστοις e mais necessárias ἀναγκαιότητος.; V. 1- [...] homem não pode passar sem a agricultura- *georgías*, meio de aumentar a sua casa (*oikos*) ela é um meio de manter, inclusive, teu corpo – *somáton* (σώματων) e a tua saúde, são eles que fazem o homem livre (ἐλευθέροι). Xenofonte apresenta as seguintes obrigações de um cidadão: o interesse maior pela *pólis* do que pelos seus bens particulares; exercitar-se na *téchne* de bem falar em público; fazer amigos; dizer a verdade; ser justo; administrar (*epiméleia*) sua casa. Conservar e ampliar o seu patrimônio (*chrémata*); participar ativamente da vida política e da defesa da *pólis*. Cultuar os deuses e obedecer às leis.

<sup>48</sup> ARISTÓTELES (pseudo) *Econômico*. Livro I e II.

<sup>49</sup> XENOFONTE VII. 4-39; VIII. 1-10.

<sup>50</sup> Podemos apresentar alguns exemplos, tais como: Σχαπάνη - enxada; δίχελλα – alvião de duas pontas; ἀρατρον, ου – arado; σπέρμα – semente; σπείρω – semear; χόχχος - grão; πυρός ου σίτος – trigo; φυτεία – plantação, crescimento de árvores; τρύγησις - vindima, colheita das uvas; οἶνος - vinho; ἐλαία – oliveira; ἐλάϊον - azeite; ἐλαιοφόρον – azeiteira; συχῆ - figueira; σῦχον - figo.

<sup>51</sup> DELAUAUD-ROUX, Marie-Hélène. *Les danses pacifiques en Grèce Antique*. Provence: Publications de l' Université de Provence, 1994; LOHMANN, Johannes. *Mousiké et Logos. Contributions à la philosophie et à la théorie musicale grecque*. Mauvezin: Trans-Europ-Repress, 1989; BÉLIS, Annie. *Aristoxène de Tarente et Aristote: le traité d'harmonique*. Paris: Klincksieck, 1986.

<sup>52</sup> VIDALE, Massimo. Lavorare all'ombra dell'Acropoli. Il mondo degli artigiani nella Grecia Anitca. *Archeo Attualita del Passato*. Ano 14, nº 4, (158) aprile, 1999. Publicitá Stampa Edizioni, Milano. pp. 50- 87. Página 68 [...] Não há dúvida que a verdadeira razão de ser da mulher era, antes de tudo, garantir um correto funcionamento da unidade doméstica, tanto no plano econômico quanto moral. Neste sentido o vértice de suas tarefas era (*erga gynaikeia*), ou seja, triturar o grão, cozinhar, o abastecimento de água e a tecelagem.

<sup>53</sup> HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. vv. 59-86. \_ **Zeus** ordena a **Hephaistos** que misture um pouco de água e terra, dê voz e forma a um ser à imagem das deusas imortais e com um corpo belo de uma virgem; **Athená** lhe ensinará seus trabalhos (*érga didaskesai*) e o de tecer com mil cores (*poludaídalon histón* - ἰστοργῆω - tecer); **Afrodite** lhe proverá de graça e desejos que fazem tremer o corpo; um coração artificial lhe será colocado por **Hermes**. Esta mulher foi criada pela vontade de Zeus e com as habilidades dos deuses e será ornada com um cinto, um colar e uma guirlanda de flores primaveris. Zeus dá o nome de Pandora (presente de todos os deuses) e a oferece como um funesto presente aos homens comedores de pão (mentiras, persuasão, enganos e coração artificial: o belo mal). SEMÔNIDES. *Iambos*. 8 (7 D.) vv. 5 - 119. O poeta apresenta vários atributos animais para a mulher: **porca** – em casa tudo dissolvido em lama e a casa desordenada; **raposa** – tudo sabe, dos males nada está escondido; **cadela** – perversa, excitável, só sabe comer; **doninha** – louca pelo leite de Afrodite, roubando faz muitos males aos vizinhos; **égua** – nada faz; **macaca** – feíssima, dela todos riem; **abelha** (*mélisses*) – com ela qualquer homem é feliz. Cresce os bens da casa, amiga do esposo, gera uma bela prole, as melhores (*arístas*) e a que muito aprende ou muito prudente (*poluphradestátas*). Hesfodo e Semônides são poetas do VII séc. a.C. Hesfodo aproximadamente de 700 e Semônides de Amorgos de 693 a.C. O modelo *mélissa* foi construído e adotado.

<sup>54</sup> CALAME, Claude. Mûthos, lógos et histoire. Usages du passé héroïque dans la rhétorique Grecque. *Études & Essais*. nº 147, 1998, pp. 127-149.

<sup>55</sup> BRULÉ, Pierre. Les Grecs étaient-ils misogynes? *L'Histoire*. Nº 231, Avril 1999, pp. 82-86. “[...] a regra para identificação da mulher muda segundo o seu estatuto sexual e social. Ela primeiro é chamada de *Malthaké*, filha de *Moschos*, e o pai exerce sobre ela uma autoridade sem partilha. A melhor prova é que pode inclusive renunciar a reconhecê-la como filha. O casamento é o principal fato de sua vida, faz com que saia da autoridade do pai para a do marido e saia da casa paterna para a do esposo. Com o casamento ela deixa o estatuto sexual e social de *parthenos* (solteira) para de *gyne* (mulher adulta). Seu nome passa a ser *Malthaké* esposa de *Leosthenes* ou *Malthaké*, filha de *Moschos* e mulher de *Leosthenes*, nesta ordem.”

<sup>56</sup> LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas: Mélissa do Gineceu a Agorá*. Rio de Janeiro: Edições Barroso, 2002; ANDRADE, Marta Mega de. *A vida comun*:

*Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002; THEML, Neyde. *O público e o privado na Grécia do VIII ao IV séculos a.C. O modelo ateniense*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998; CHEVITARESE, André. *O Espaço Rural da pólis Grega: o caso ateniense do período clássico*. Fábrica do Livro/SNAI, 2001.

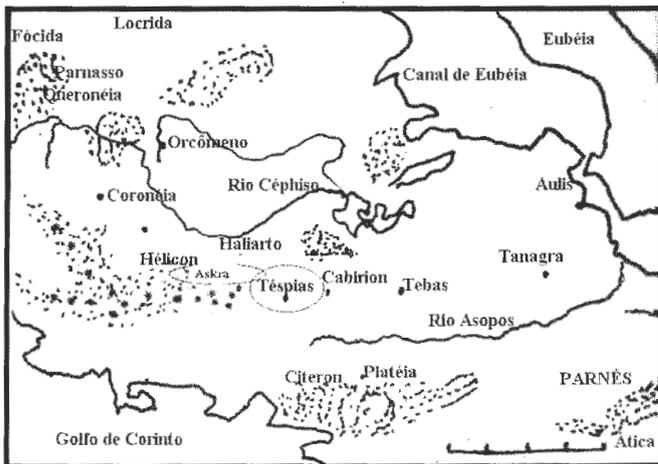
<sup>57</sup> Para nós, neste caso, é indiferente ser *gyné* (esposa), *pallaké* (concubina), *hetaíra* (cortesã) ou *pórne* (prostituta), pois nos referimos ao espaço interno de administração da casa e não do possível encontro delas na mesma casa .

<sup>58</sup> Um ritual pode ser definido como um conjunto organizado de práticas verbais e gestuais que expressam as preocupações dominantes de uma sociedade. O casamento é uma cerimônia ritual, à medida que famílias diferentes passam a estabelecer uma forte solidariedade. O ritual facilita esta transição, protegendo os indivíduos contra qualquer fato que venha prejudicar a nova aliança.

<sup>59</sup> VÉRILHAC, Anne-Marie e VIAL, Claude. *Le Mariage Grec: Du VI siècle à l'époque d'Auguste*. Paris: Boccard, 1998; SEGALIN, Martine. *Ritos e Rituals: contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002; HERFST, Pieter. *Le travail de la femme dans la Grèce ancienne*. New York: Arno Press, 1979.

## Pranchas

IV. 1 - Mapa da Beócia - destacando a posição de Téspias, voltada para o golfo Coríntio. Askra era uma aldeia da *pólis* de Téspias e o santuário das Musas, no Hélicon, era um marco territorial.



IV. 2. Demografia - Valores indicativos percentuais do crescimento demográfico – CORVISIER e SUDER, p. 27.

Períodos Geométricos e Arcaico

	PG	G antigo	G médio	G. recente	Arcaico
Corinto	3	5	6	10	30
Ática	15	15	26	50	50
Beócia	9:12	5/6	5	17	46
Tessália	21:27	25/26			68

IV. 3. Vaso Beócio - VII séc. a.C. - Geométrico recente: 850 a 700 a.C.  
Hydria - Beócia- Geométrico recente. Museu do Louvre, CCA639.

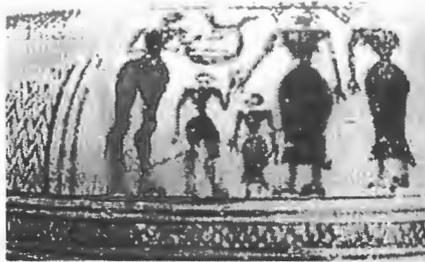


Temática funerária

BOARDMAN, John. *Aux origines de la peinture sur vase en Grèce*. London: Thames & Hudson, 1999, p. 65.

IV. 4.

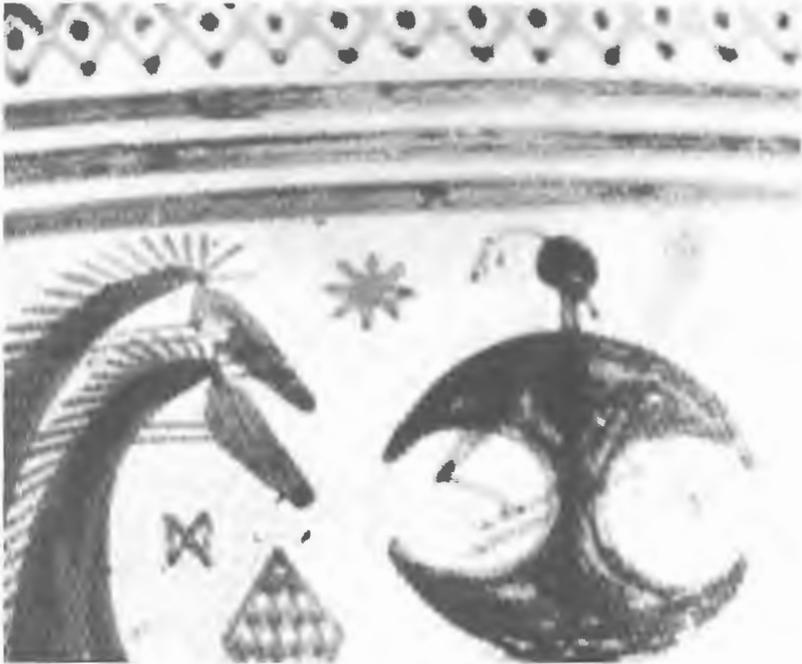
Vaso Pithoide - Geométrico recente - Tebas.



BOARDMAN, John. *Aux origines de la peinture sur vase en Grèce*.  
London: Thames & Hudson, 1999, p. 65.

IV. 5.

Vaso Geométrico recente - Beócia.



Temática guerreira – destaque para o escudo típico da Beócia, que denota um certo arcaísmo frente ao escudo redondo com duplo punho.

VAN EFFENTERRE, Henri. *Les Béotiens: Aux frontières de l'Athènes antique*. Paris: Amand Colin, 1989. p. 102.

VI. 6. Vaso Beócio - Geométrico.



Kratera beócia de 700 a.C. Decoração geométrica e aves geometrizadas. Temática comum do período geométrico.

Corpus Vasorum Antiquorum - United States of America. Fascicule 20 The Toledo Museum of Art, Fascicule 2, plate 66.

IV. 7.

Divindade Beócia de terracota - Geométrico recente.



A linguagem icônica dos pintores de vaso apresenta-se nos ornamentos em forma geométrica. Os temas figurativos relacionam-se com guerra, caça, animais e ritos funerários. Todos esses temas coincidem nas diferentes regiões nas quais se processa a revolução *políade*. A caça está ligada à guerra, à medida que prepara o guerreiro. O funeral é todo um rito para transformação de um morto em um ancestral e para demonstrar a presença ou permanência dos grupos naquela terra por longo tempo. Os vasos vêm identificados como beócios; não encontramos especificamente os da região de Téspias, mas acreditamos ser um fenômeno geral no processo de emergência das *póleis*. Os objetos de terracota destacam as atividades agrárias, divindades femininas e jovens rapazes. O geometrismo pode indicar mudanças sociais mas pode representar resistências, principalmente se a maioria dos vasos só estiver decorada com motivos geométricos, fato que parece dominar entre os vasos da Beócia neste período.